

MOTIVAÇÕES PARA MUDANÇA DE GÊNERO GRAMATICAL NA PASSAGEM DO LATIM AO PORTUGUÊS

MOTIVATIONS FOR CHANGE IN GRAMMATICAL GENDER
FROM LATIN TO PORTUGUESE

Luiz Henrique Milani Queriquelli | [Lattes](mailto:luizqueriquelli@yahoo.com.br) | luizqueriquelli@yahoo.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este trabalho analisa casos de mudança de gênero gramatical na passagem do latim ao português em grupos lexicais ligados a objetos (pedras, plantas, frutas, metais), atentando para as motivações predominantes por trás de cada caso. Os resultados mostram que há tanto motivação sistêmica (morfofonológica) quanto social (estereótipos sociais que associam esses objetos ao masculino ou ao feminino). Nos grupos das gemas preciosas e das plantas ornamentais, há uma predominância de manutenção ou mudança para o gênero feminino. No caso de metais brutos, há uma predominância de manutenção ou mudança para o gênero masculino.

Palavras-chave: Gênero gramatical; Latim; Português.

Abstract: This work analyzes cases of grammatical gender change in the passage from Latin to Portuguese in lexical groups linked to objects (stones, plants, fruits, metals), paying attention to the predominant motivations behind each case. The results show that there is both systemic (morphophonological) and social motivation (social stereotypes that associate these objects with masculine or feminine). In the groups of precious gems and ornamental plants, there is a predominance of maintenance or change to the female gender. In the case of raw metals, there is a predominance of maintenance or change to the masculine gender.

Keywords: Grammatical Gender; Latin; Portuguese.

1 Introdução

A noção de gênero comporta muitos usos e sentidos dependendo do contexto em que ocorre. Para além de seu sentido amplo (tipo, classe, espécie), tal conceito apresenta, ao menos, três facetas: gênero natural (ou sexo), gênero social (que reflete implicações sociais de ser homem ou mulher, por exemplo) e gênero linguístico, ou gramatical (Loporcaro, 2018, p. 1). Não raramente, essas facetas se confundem entre si, embora sejam a rigor independentes umas das outras.

O gênero gramatical é um sistema de categorização nominal inerente a uma língua, ou seja, é a maneira como as línguas organizam o mundo em categorias. Há línguas, por exemplo, que chegam a ter 20 gêneros, como certas línguas bantu, e outras que, no entanto, simplesmente não possuem gênero, como o basco e o húngaro (Corbett, 1991). Contudo, nas línguas indo-europeias, o mais comum é haver três (masculino, feminino e neutro) ou dois gêneros (masculino e feminino) e, por isso, sua atribuição muitas vezes reflete estereótipos sociais e culturais, de modo que gênero linguístico e sociedade muitas vezes influenciam um ao outro (Aikhenvald, 2016, p. 2-4).

Nem sempre é simples demonstrar a influência da sociedade sobre o gênero gramatical. Em certos casos, de fato, há fatores sociais prevalecendo sobre a atribuição de certo gênero a um item nominal, porém, não raro, fatores internos ao sistema da língua têm um peso predominante. Isso se observa, por exemplo, em certos contrastes paradoxais, como a palavra “masculinidade”, que é feminina por pura motivação sistêmica: o afixo *-dade* induz à atribuição de gênero feminino. Considerando essa questão, neste artigo pretendemos analisar casos de mudança de gênero gramatical na passagem do latim ao português, procurando observar se as motivações predominantes por trás de cada caso são de ordem estritamente linguística (interna, sistêmica) ou social (externa).

Para isso, partindo de trabalhos recentes que se debruçaram sobre o tema (e.g., Loporcaro, 2018; Aikhenvald, 2016; Mader e Moura, 2023; Williams, 2015 [1962], et. al.), nosso foco aqui recairá sobre certos grupos lexicais ligados a objetos, deixando de lado a marcação de gênero em relação a humanos e outros seres animados, por assumir que aí há clara interferência de fatores biológicos e sociais (Aikhenvald, 2016, p. 5). Levantaremos dados a partir de *corpora* de latim (Perseus) e português arcaico (CIPM), bem como a partir de obras de gemologia, botânica e metalurgia. O levantamento privilegiará especificamente gemas preciosas, plantas ornamentais e metais – grupos de especial interesse, considerando certos padrões de mudança já insinuados por Williams (2015 [1962], p. 122-140). Caso verificarmos, quanto a esses itens levantados, que houve mudança de gênero em relação ao português moderno, examinaremos sua motivação, buscando pistas que nos ajudem a determinar a causa principal. Adicionalmente, oferecemos reflexões a partir dos resultados obtidos.

2 Considerações iniciais sobre gênero em latim

Em latim, havia três gêneros gramaticais: feminino, masculino e neutro. Excetuando os seres dotados de sexo, todos os três gêneros podiam ser atribuídos a coisas em geral,

sem necessário predomínio do gênero neutro nesse âmbito, como mostram os seguintes exemplos levantados por Loporcaro (2013, p. 16):

- (1) motus est **pes meus** (Ps. 93.18)
meu pé se moveu
- (2) ut **manus mea** sit semper cum eo (Ps. 88.2)
que **minha mão** esteja sempre com ele
- (3) cum [...] iam in foro **celebratum meum nomen** esset (Cic., Brutus, 90.314.19)
uma vez que **meu nome** já fosse **celebrado** no fórum

Como vemos nesses exemplos, *pes* (pé) recebe marcação de gênero masculino pelo adjetivo *meus*, *manus*, de gênero feminino por *mea*, e *nomen*, de neutro, tanto por *meum* quanto por *celebratum*, que concordam em gênero.

Além de ser atribuído a objetos, o neutro também era atribuído a partes do discurso que assumiam funções nominais, como nos seguintes exemplos, também coletados por Loporcaro (2013, p. 23):

- (4) **dulce et decorum** [neutro] est pro patria **mori** [infinitivo] (Hor. Odes III.2.13)
morrer pela pátria é doce e honroso
- (5) **pergratum** [neutro] est mihi **quod** tam diligenter libros auunculi mei lectitas [sentença subjuntiva] (Plin. Ep. III.5.1)
é **gratificante** para mim **que** leias tão atentamente os livros de meu tio

Repare que em ambos os exemplos os adjetivos no gênero neutro concordam com sentenças que cumprem a função de sujeito: no primeiro exemplo, com a sentença infinitiva de *mori*, e no segundo, com a sentença subjuntiva *quod [...] lectitas*.

Há outras instâncias de atribuição de gênero em latim, porém o que nos interessa aqui, particularmente, são os casos dos exemplos (1), (2) e (3). Coisas como partes do corpo (como ‘pé’ e ‘mão’) e entidades abstratas (como o ‘nome’), entre outras, à primeira vista, parecem ter seu gênero atribuído de forma aleatória. Entretanto, como anunciamos antes, pretendemos identificar padrões que nos informem sobre possíveis motivações

para mudança de gênero do latim ao português em casos relacionados a coisas e objetos não dotados de sexo.

Até aqui, como se pode observar, indicamos a marcação de gênero por meio do adjetivo. Adjetivos de primeira classe marcavam o feminino com flexões da primeira declinação (*me-a*) e masculino e neutro com flexões da segunda declinação (*me-us* e *me-um*, respectivamente), ao passo que os de segunda classe diferenciavam apenas o neutro (*dulc-e*) dos demais gêneros (*dulc-is*), com flexões da terceira declinação.

Sob uma ótica estruturalista, os substantivos, por si sós, não apresentavam marcação de gênero (Rigg, 1991, p. 3). Em tese, as flexões nominais marcavam apenas as categorias de número e caso. Assim, sabemos que *manus* é feminino, *pes*, masculino, *nomen*, neutro, e – para acrescentar nomes de segunda e primeira declinações – *seruus* (‘escravo’), masculino, e *ancilla* (‘criada’), feminino, pelos adjetivos ou pronomes com que concordam. Entretanto, sob um olhar funcionalista, temos outra perspectiva, especialmente se consideramos questões de frequência ligadas às duas primeiras declinações (com tema em *-a* e *-o*), que juntas representam a grande maioria do léxico nominal latino: cerca de 55% (Hudson, 2013).

A primeira declinação no latim, identificada pelo tema em *-a*, era majoritariamente composta por substantivos femininos (cerca de 80% a 85%), a exemplo de *puella* (menina), *rosa* (rosa) e *via* (rua). Substantivos masculinos, como *nauta* (marinheiro) e *poeta* (poeta), e neutros compunham uma parcela minoritária nesse grupo. A situação, contudo, era exatamente o oposto na segunda declinação, identificada pelo tema em *-o*: a maioria (cerca de 80%) era do gênero masculino, a exemplo de *magister*, *puer* e *servus*. Aproximadamente 15% pertenciam ao gênero neutro, como *donum* (presente), *oppidum* (cidade fortificada) e *templum* (templo), e menos de 5% pertenciam ao gênero feminino, a exemplo de *domus* (palavra variável, ora identificada com a 2ª, ora com a 4ª declinação).

Isso significa que, em latim, como em português, sempre que uma nova palavra entrasse para o léxico, se não houvesse outros fatores influenciando a atribuição de gênero (gênero por referência ou por elipse, por exemplo), o tema em *-a* induziria atribuição de gênero feminino, e o tema em *-o*, não raramente, induziria ao gênero masculino. Este fato, portanto, nos autoriza a falar em uma declinação masculina e uma declinação feminina. Corrobora essa perspectiva o fato de que o tema dessa “declinação feminina” deriva da palavra “mulher” no indo-europeu.¹

¹ Ainda no indo-europeu, o morfema *-a* (derivado de *-h*, terminação da suposta palavra para “mulher”: *gʷén(eh)*) surge como marca de gênero feminino (Luraghi, 2011).

3 Mudança de gênero na passagem para o português

Ao discutir problemas de morfologia nominal na deriva do latim ao português, Williams (2015 [1962], p. 122-140) observa algumas mudanças de gênero e declinação por que passaram alguns vocábulos:

123.8 Alguns substantivos femininos da segunda e quarta declinação adotaram terminações derivadas da primeira declinação: *amethystum* > *ametista*; *sapphirum* > *safira*; *fagum* > *faia*; *socrum* > *sogra*; enquanto outros [neutros] não mudaram sua forma, mas se tornaram masculinos: *fraxinum* > *freixo*; *pinum* > *pinho*; *alaternum* > *aderno*. Um substantivo, *mão* (de *manum*), não adotou terminações derivadas da primeira declinação ou mudou de gênero. (p. 122)

123.9 Alguns plurais neutros mantiveram a terminação -a e se tornaram femininos singulares: *arma* > *arma*; *vota* > *boda*; *dona* > *doa*; *ligna* > *lenha*; *folia* > *folha*; *cornua* > *cornua*. Esses substantivos formaram um novo plural pela adição de s, e suas formas correspondem, conseqüentemente, àquelas derivadas de substantivos femininos da primeira declinação. Alguns deles ainda mantêm a força coletiva que adquiriram no período de transição do plural para o singular, e.g., *lenha*. (p. 123)

124.7 Uns poucos neutros acusativos singulares terminados em -us foram assumidos como plurais acusativos masculinos da segunda declinação, e um novo singular foi formado pela queda do s: *tempus* > *tempos*; *stercus* > *esterco*; *corpus* > *corpos*; *pectus* > *peitos*; *latus* > *lados*; *pignus* > *empenhos*. Os novos singulares são *tempo*, *esterco*, *corpo*, etc. (p. 125)

124.10 Alguns substantivos da terceira (e quinta) declinação adotaram terminações derivadas da primeira declinação ou aquelas derivadas da segunda declinação: *axem* > *eixo*; *aciem* > *aço*; *cucumerem* > *cogombro*; *passerem* > *pássaro*; *gruem* > **gruam* > *grua* (§ 38, 9); *gruem* > **gruum* > *grou* (§ 38, 10); *os* > *ossum* (GVL, § 356, 3) > *osso*; *vas* > *vasum* (GVL, § 356, 3) > *vaso*; *gramen* > *grama*; *inguem* > *íngua*; *septembrem* > *setembro*; *octubrem* (Carnoy, 64) > *outubro*; *novembrem* > *novembro*; *decembrem* > *dezembro*. (p. 127)

As observações de Williams em 123.9 e 124.7 corroboram nossas considerações anteriores quanto à correlação entre primeira declinação e gênero feminino, e à correlação entre segunda declinação e gênero masculino. O fato de *arma*, *boda*, *lenha* e *folha*, por exemplo, terem sido reanalisados como femininos tem uma clara motivação sistêmica: estes substantivos eram neutros de segunda declinação (faziam nominativo e acusativo singular em -um), porém eram muito mais usados no plural e, sendo neutros de segunda declinação, faziam plural em -a; logo, por um processo de reanálise gramatical, foram ca-

tegorizados como nomes de primeira declinação (tema em *-a*) e, por motivação sistêmica, assumidos como femininos.

O mesmo processo vale para *tempo, esterco, corpo, peito, lado* e *empenho*. Todos eram neutros de terceira declinação, logo, faziam, por exemplo, ablativo em *-e* (*tempore, stercore, corpore etc.*) e nominativo e acusativo plural em *-a* (*tempora, stercora, corpora etc.*). Entretanto, como eram muito mais usados no singular e, sendo neutros, faziam tanto nominativo quanto acusativo singulares em *-us*, foram reanalisados como substantivos de segunda declinação e, em seguida, assumidos como masculinos. Temos, nesses dois grupos de mudanças, dois fatores combinados: frequência (a ampla ocorrência de uma forma específica em detrimento de outras, por questões de uso) e viés sistêmico (primeira e segunda declinações induzindo atribuição de gênero).

Entretanto, os casos apontados por Williams em 123.8 e 124.10 sugerem outras motivações. Para entender mudanças como *amethystum* > *ametista*; *sapphirum* > *safira*; *fagum* > *faia*; *fraxinum* > *freixo*; *pinum* > *pinho*; *axem* > *eixo*; *aciem* > *aço*; *cucumerem* > *cogombro*; *os* > *ossum* > *osso*, pode ser útil considerar certos universais linguísticos constatados por Aikhenvald (2016, p. 35, grifo nosso) em larga pesquisa empírica translinguística:

Os significados dos gêneros linguísticos normalmente envolvem humanidade, animacidade e sexo – feminino versus masculino. Em várias línguas em todo o mundo, seres animados e inanimados recebem atribuição de gênero dependendo da sua forma e tamanho. Identificamos dois cenários: 1. O gênero linguístico masculino está associado ao tamanho maior e formato longo e pontudo, e o gênero feminino está associado ao tamanho menor e formato arredondado [...]. 2. O gênero linguístico feminino está associado ao tamanho maior, e o gênero masculino está associado ao tamanho menor [...]. A escolha linguística de gênero também pode estar correlacionada com o valor e a importância de um objeto, refletindo em parte os estereótipos sociais de gênero [por exemplo, gênero feminino: carinho, afeto; gênero masculino: conotações negativas (ser grotescamente grande, nojento, ou magro e esquisito)].

Wales (1996, p. 148, grifo nosso), considerando um *corpus* de textos poéticos, ainda acrescenta as seguintes observações aos estereótipos sociais que influenciam a atribuição de gênero:

Palavras marcadas como “masculinas” foram agrupadas de acordo com atributos supostamente “masculinos” (principalmente positivos) e palavras marcadas como “femininas” de acordo com atributos “femininos” (alguns positivos, muitos negativos): como

forte, ativo, agressivo, poderoso, inteligente, grande, feroz, generoso (“viril”); versus fraco, tímido, passivo, amoroso, suave, prestativo, bonito, pequeno, moral, receptivo (“feminino”).

As constatações de Aikhenvald e Wales são corroboradas pelos exemplos de Williams: de fato, as motivações sistêmicas (morfofonológicas) parecem ser pouco relevantes para a atribuição de gênero masculino em casos de mudança como *axem* > *eixo*; *aciem* > *aço*; *cucumerem* > *cogombro* (variante de ‘pepino’); e parcialmente relevantes em casos como *fraxinum* > *freixo*; *pinum* > *pinho*; *os* > *ossum* > *osso*. Em todos esses casos, mas especialmente no primeiro grupo (com nomes de 3ª declinação), a agência de universais socialmente sustentados (como a associação do masculino a objetos longos e pontudos) ou de estereótipos sociais (como a vinculação do masculino a agressivo, nojento ou esquisito) parecem ser mais determinantes. Para que fique claro, vale dizer que, nos casos do primeiro grupo, temos termos com tema em *-e*, que não está necessariamente associado a nenhum gênero, portanto não há motivação sistêmica para que fossem reanalisados como masculino; nos casos do segundo grupo, temos neutros de 2ª declinação em *-um*; em relação a eles, pela regra geral, poderíamos supor a motivação morfofonológica (*-um* > *-o* > *masculino*), mas, observando o quadro mais amplo, ela não parece ser determinante, pois não só estes, mas todos os objetos pontudos, foram reanalisados como masculinos, o que nos leva a crer que o fator sistêmico aqui é apenas parcialmente relevante.

Também não parece haver motivação sistêmica para a atribuição de gênero feminino em casos de mudança como *amethystum* > *ametista*; *sapphirum* > *safira*; *fagum* > *faia*. Analogamente, nesses casos, a agência de estereótipos sociais como a vinculação do feminino a coisas bonitas, suaves etc., parece ter prevalência.

Inspirados pela descoberta dessas correlações, na seção seguinte analisaremos um conjunto de itens lexicais ligados a pedras, plantas, armas e metais, a fim de verificar se essas correlações observadas a partir dos exemplos de Williams se repetem e constituem um padrão.

4 Padrões de mudança de gênero

Começando pelo grupo das gemas preciosas, organizamos uma lista geral de 43 itens.² Destes, separamos aqueles que tinham étimo latino e chegamos à seguinte relação:

² adulária, ágata, água-marinha, alexandrita, âmbar, ametista, andradita, azeviche, benitoíte, bolivianita, bowenite, citrino, cornalina, crisoberilo, diamante, dom pedro, dumortierita, esmeralda, exposol, granada, heliotropo, jade, jaspe, lápis-lazúli, magatama, morganite, obsidiana, olho de tigre, ônix, opala, painita, peridoto, pérola, pounamu, prásio, quartzo, rubi, safira, tanzanite, topázio, turmalina, turquesa, zircônia.

- (6) *achates* > *ágata*; *adularium* > *adularia*; *amethystus* > *ametista*; *granatus* > *granada*; *obsidianus* > *obsidiana*; *opalus* > *opala*; *pernula* > *pérola*; *sapphirus* > *safra*; *smaragdus* > *esmeralda*; *turcosa* > *turquesa*; *zirconium* > *zircônia*

Com exceção de *ágata*, *pérola*, *turquesa* e *ametista*, que já pertenciam ao gênero feminino em latim, todas as demais (9/11) sofreram mudança do masculino ou neutro para o feminino, o que pode corroborar a hipótese de que estereótipos sociais, como a associação entre coisas belas e o gênero feminino, tenham influência na atribuição de gênero gramatical em casos de mudança na passagem do latim ao português.

No âmbito botânico, em especial em relação a plantas ornamentais, notamos uma prevalência do gênero feminino, sendo que a maioria já era feminina e pertencia à primeira declinação em latim (como *ruta* > *arruda*; *alêndu* > *begônia*; *bromelia* > *bromélia*; *alêndula* > *calêndula*; *fuchsia* > *fuchsia*). Em parte, isso reforça a hipótese que liga coisas belas, agradáveis, delicadas, cheirosas etc. ao gênero gramatical feminino (observável nesses casos tanto em latim como em português). Semelhante ao caso da mudança já apresentada por Williams (2015 [1962], p. 122), de *fagum* para *faia*, temos, ainda, os seguintes casos:

- (7) *anaphalis* (n.) > *anafale* (f.); *arnoglossum* > *arnoglossa* (pl. medicinal); *baccharis* (n.) > *bácaris* (f.); *doronicum* > *dorônica* (variante de *arnica*); *eupatorium* > *eupatória*; *melanthium* > *melancia*; *oncidium* > *orquídea*; *perdicium* > *perezia*; *rhapis* (n.) > *ráfis* (f.)

No caso dos neutros latinos de 2ª declinação (terminados em -um no singular), a atribuição de gênero feminino em português tanto pode ter sido motivada pelo uso frequente da palavra no plural (*oncidia*, *melanthia* etc.) quanto pela influência do estereótipo social em questão (como foi suposto antes para *faia*). No caso de *anaphalis*, *baccharis* e *rhapis* (uma espécie de palmeira), nomes de 3ª declinação, temos a mudança de neutro para feminino sem qualquer motivação sistêmica, o que nos leva a supor a agência do fator social, ou ainda atribuição de gênero por elipse ou referência: “a [palmeira] ráfis”, “a [flor] anafale” etc.

Por fim, quanto ao âmbito dos metais, em latim, esse grupo lexical era largamente composto por neutros de 2ª declinação, como é o caso de:

- (8) *argentum, aurichalcum, aurum, cassiterum, cuprum, electrum, ferrum, hydrargyrum, iridium, orichalcum, osmium, palladium, platinum, plumbum, pyropus, rhenium, rhodium, ruthenium, stannum*

Na passagem para o português, salvo o caso de *platinum* (> *platina* > *prata*), todos receberam tema em -o e atribuição de gênero masculino, o que pode ter tido tanto motivação morfofonológica (o tema em -o) quanto social (a associação a coisas rudes, duras, frequentemente ligadas a objetos pontiagudos etc.). Exceções nesse grupo, além de *aço* (< *aciem*), já observado por Williams (2015 [1962], p. 140), são:

- (9) *aes* (antigo nome para o bronze, que permanece em português em empréstimos latinos como “o *aes grave*”, um tipo particular de bronze usado em moedas, nesse caso recebendo gênero masculino); e *chalybs* (antigo nome para o aço, que permanece no arcaísmo *cálibe*, de gênero masculino também)

Como vemos, esse grupo lexical não traz grandes surpresas, porém salta aos olhos o fato de haver apenas um único item pertencente ao gênero feminino aqui, o que parece corroborar, em parte, aqueles universais observados por Aikhenvald e Wales.

Conclusões

Como anunciamos, esta pesquisa buscou analisar casos de mudança de gênero gramatical na passagem do latim ao português em grupos lexicais ligados a objetos (pedras, plantas, frutas, metais), atentando para as motivações predominantes por trás de cada caso.

A revisão dos casos apontados por Williams (2015 [1962], p. 122-140) indicou, por um lado, contextos de clara motivação sistêmica, como (a) os casos de *arma, boda, lenha* e *folha*, por exemplo, neutros de 2ª declinação reanalisados como femininos em português porque faziam plural em -a e eram muito mais usados no plural; e (b) como os casos de *tempo, esterco, corpo, peito, lado* e *empenho*, que – embora fossem neutros, de tema em -e e plural em -a – faziam nominativo e acusativo singular em -us e eram muito mais usados nesses casos, por isso foram reanalisados como masculinos em português com tema em -o; e, por outro lado, indicou casos de provável motivação social, como *amethystum* > *ametista*; *sapphirum* > *safira*; *fagum* > *faia*; *fraxinum* > *freixo*; *pinum* > *pinho*; *axem* > *eixo*; *aciem* > *aço*; *cucumerem* > *cogombro* (pepino); *os* > *ossum* > *osso*. Tais mudanças

possivelmente foram motivadas por estereótipos sociais ou universais linguísticos apontados por Aikhenvald (2016) e Wales (1996), que associam, por exemplo, coisas belas, como pedras preciosas, ao feminino, e coisas pontiagudas, rígidas ou rudes, por exemplo, ao masculino.

A partir de tal revisão, estendemos nosso corpus de análise a itens lexicais relativos a gemas preciosas, plantas ornamentais e metais brutos. Nossa maior surpresa foi constatar que a mudança do neutro no latim para o feminino no português foi sistemática no primeiro grupo, o que indica uma forte prevalência do fator social ali.

Em relação ao segundo grupo, das plantas ornamentais, a situação é mais diversa. De forma geral, notamos uma prevalência do gênero feminino, sendo que a maioria já era feminina e pertencia à primeira declinação em latim. Entretanto, ao analisar os casos expostos em (7), chegamos a diferentes conclusões: (a) no caso dos neutros latinos de 2ª declinação (terminados em *-um* no singular), a atribuição de gênero feminino em português tanto pode ter sido motivada pelo uso frequente da palavra no plural (*oncidia*, *melan-thia* etc.) quanto pela influência do estereótipo social em questão (como foi suposto antes para *faia*); (b) no caso de *anaphalis*, *baccharis* e *rhapis* (uma espécie de palmeira), nomes de 3ª declinação, temos a mudança de neutro para feminino sem qualquer motivação sistêmica, o que nos leva a supor a agência do fator social, ou ainda atribuição de gênero por elipse ou referência: “a [palmeira] ráfis”, “a [flor] anafale” etc.

O terceiro grupo, por fim, era quase totalmente composto por neutros de 2ª declinação em latim (terminados por *-um*), sem qualquer presença de itens femininos ali. Com exceção de um item (*platinum* > *prata*), todos os demais foram absorvidos pelo gênero masculino em português e é suficiente supor a prevalência do fator sistêmico (morfofonológico) para explicar essa mudança. No entanto, a ausência quase total do gênero feminino nesse âmbito corrobora um dos cenários universais apontados por Aikhenvald (2016, p. 35), que percebe um padrão na associação de coisas rígidas e rudes ao masculino.

Referências

- AIKHENVALD, Alexandra. *How gender shapes the world*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- CORBETT, Greville. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- HUDSON, Paul. *Latin frequency dictionary*. New York: SPQR Study Guides; 2013.

LOPORCARO, Michele. *Gender from Latin to Romance*. Oxford: Oxford Academic Press, 2018.

MÄDER, Guilherme Ribeiro Colaço; Moura, Heronides Maurílio de Melo. Masculino genérico em português: uma viagem no tempo. *ReVEL*, v. 21, n. 41, 2023.

RIGG, Arthur George. *Traditional Grammatical Terminology: Latin*. Toronto: University of Toronto, 1991.

WALES, Katie. *Personal pronouns in present-day English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *From Latin to Portuguese: Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2015 [1962].

